



MULHERES TRADUTORAS DO SÉCULO XIX NO BRASIL: DO ROMANCE À NARRATIVA HISTORIOGRÁFICA¹

NINETEENTH CENTURY WOMEN TRANSLATORS IN BRAZIL: FROM THE NOVEL TO HISTORIOGRAPHICAL NARRATIVE

Dennys Silva-Reis²
Luciana Carvalho Fonseca³
Traduzido por: Danielle Sales

RESUMO

Na área de Estudos de Tradução, há uma lacuna de trabalhos dedicados a mulheres tradutoras no Brasil, e o papel desempenhado por elas na História da Tradução chegou a ser negado na Historiografia da Tradução. Este artigo é um estudo dos imaginários que pairam sobre as mulheres tradutoras do século XIX no Brasil e tem dois objetivos principais. Em primeiro lugar, vamos explorar esses imaginários em três romances da época: *Senhora*, *Luciola* e *A Carne*. Em segundo lugar, vamos comparar tais imaginários com os das mulheres tradutoras encontradas em um *corpus* de notícias do século XIX. O *corpus* foi construído e explorado com um software de análise de linguagem natural. As principais conclusões foram que, ao contrário dos imaginários inscritos nos romances, havia mais diversidade e mais agência por parte das mulheres nas notícias. Além disso, o *corpus* de notícias revelou que havia muitas mulheres envolvidas em uma grande variedade de atos de tradução no Brasil no século XIX, e que traduzir era um ato com propósito e sentido, além de uma atividade que perpassava não apenas o papel da mulher no âmbito doméstico (como esposa e mãe), mas também uma série de outras atividades profissionais (como atriz, diretora, educadora, escritora).

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres tradutoras, século XIX, historiografia da tradução, romances, linguística do *corpus*.

ABSTRACT

Within Translation Studies, there is a lack of works devoted to women translators in Brazil, and the role women played in Translation history has even been ruled out in Translation Historiography. This paper is a study of the imaginaries looming over nineteenth-century women translators in Brazil, and has two main goals. First, to explore these imaginaries in three nineteenth-century novels: *Senhora*, *Luciola*, and *Flesh*. Second, to compare such imaginaries to the women translators found in a corpus of nineteenth-century news pieces. The corpus was built and mined with a language processing software. The main findings were that contrary to the imaginaries fostered by the novels, women in the news had more agency and were more diverse than in the novels. Moreover, the news corpus revealed there were many women involved in a large variety of translation acts in Brazil in the nineteenth-century, and that their translations were purposeful and meaningful, in addition to intersecting not only with their domestic (wife, mother) role, but also with an array of other professional activities (actress, director, educator, writer).

KEYWORDS: women translators, nineteenth-century, translation historiography, novels, corpus linguistics

¹ Este texto foi publicado pela primeira vez em inglês na *Revista Brasileira de Literatura Comparada* (V. 20 n. 34/ 2018) [<https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/472>]. A presente tradução em língua portuguesa é da tradutora literária Danielle Sales.

² Universidade Federal do Acre, UFAC, ORCID 0000-0002-6316-9802.

³ Universidade de São Paulo, USP, ORCID 0000-0002-7938-9607.

1 INTRODUÇÃO

Dona de casa, esposa e mãe: estas três palavras resumem o local e o papel atribuídos às mulheres das classes alta e média no Brasil do século XIX. Ao mesmo tempo, na Europa e um pouco mais tarde no Brasil, as mulheres foram “elevadas” à condição de “mães da República”. No entanto, em ambas as localidades, as mulheres eram retratadas como inferiores, tratadas como propriedade de homens e também produtoras de homens: as mulheres eram amplamente vistas como uma tradução de seu sexo biológico. Qualquer outro *locus* ou papel buscado por mulheres enfrentaria uma desagradável desaprovação, sendo considerado algo excessivamente ambicioso ou rotulado como totalmente impróprio pela sociedade patriarcal dos anos 1800. Os homens governavam, falavam por e representavam todos os membros da sociedade. Visar ao poder, ao direito de falar e à representatividade implicava equiparar-se ao paradigma masculino.

Como toda hegemonia nunca é absoluta, várias mulheres do século XIX entenderam que ter poder, ter voz e representar outras mulheres não significava "ser um homem". Ser mulher significava valorizar e respeitar a si mesma e ter algum tipo de representação. Significou também a possibilidade de expressar seu valor como pessoa, como protagonista da própria história, como ser político, social e cultural, tudo isso por meio da própria voz.

Às mulheres do século XIX não faltava o que dizer; no entanto, faltavam tinta e papel, que não eram facilmente acessíveis no Brasil daquela época. Alcançar o *status* de escritora, expressar-se e ter acesso à educação têm sido desafios consideráveis para as mulheres até hoje. No século XIX, os desafios eram ainda maiores, uma vez que todas essas atividades eram rotuladas de "masculinas" no sentido de que apenas os homens se qualificavam e eram considerados dignos de tal. Além disso, a História sempre atribuiu aos homens (brancos), que também “aconteciam” de ser os mais educados, papéis principais e obras de destaque. Por causa desse círculo vicioso, a História escrita, espelhando a ideologia do período até o século XIX, operou naturalmente de uma maneira que apagou os primeiros atos e discursos feministas.

Só muito mais tarde, no século XX, surgem questionamentos e estudos sobre o papel da mulher brasileira na História e seus papéis políticos, sociais e culturais. Atualmente, a área de História da Mulher no Brasil (PRIORI, 2013, PINSKY, PEDRO, 2016) tem se empenhado em desmistificar a história centrada no masculino do país, dando assim a devida visibilidade às mulheres. No campo da Língua e da Literatura, os esforços do Grupo de Trabalho “Mulher e Literatura” são dignos de nota. Durante anos, o grupo vem resgatando – e descobrindo – nomes

de escritoras brasileiras quase esquecidas dos séculos XVIII e XIX (MUZART, 2000, 2004). Assim, por conta da atenção cada vez maior que se tem dado à história das mulheres, muitas questões surgiram e ainda precisam ser respondidas, entre as quais: Havia mulheres tradutoras no Brasil do século XIX? Quem eram essas mulheres? O que, onde e como elas traduziam? Quais foram suas combinações de linguagem? Que imaginários pairavam sobre elas nas obras literárias? Como eram representadas nas notícias?

Dentro da área de Estudos da Tradução, são escassos os trabalhos⁴ que se dedicam a responder tais perguntas ou mesmo fazer referência a mulheres tradutoras no Brasil em geral. Há uma falta generalizada de trabalhos sobre mulheres tradutoras a ponto de o papel que as mulheres desempenharam na história da tradução brasileira ter sido até mesmo descartado da área da Historiografia da Tradução (WYLER, 2001), provavelmente porque as fontes históricas são dispersas e de difícil recuperação. Para servir como um contraponto à situação atual dos trabalhos sobre a história das mulheres nos Estudos da Tradução, este artigo explora os imaginários e as representações das mulheres tradutoras do século XIX no Brasil, com dois objetivos principais. Em primeiro lugar, pretendemos desvendar os imaginários que pairam sobre as mulheres tradutoras em três romances do século XIX: *Senhora: perfil de mulher* e *Luciola: perfil de mulher*, de José de Alencar, e *A Carne*, de Júlio Ribeiro. Em segundo lugar, pretendemos comparar esses imaginários às representações de mulheres tradutoras em um *corpus* de notícias de 21 jornais publicados em todo o país na época. Por fim, ao revelar sua presença na história da tradução e atribuir uma visibilidade há muito esperada a seus nomes⁵ e obras, esperamos que este artigo ajude a combater a subestimação dos papéis femininos nos Estudos da Tradução, na História da Tradução e na Historiografia da Tradução.

2 SEIS NOTAS SOBRE OS ANOS 1800

Antes de buscar diretamente os objetivos declarados neste artigo, esta seção destaca algumas características-chave do período que influenciou diretamente as traduções realizadas por mulheres do século XIX no Brasil:

- 1) **Um século, três sistemas políticos diferentes.** O século XIX brasileiro pode ser dividido em pelo menos três grandes períodos: Colonial (até 1822), Imperial (1822 a 1889) e

⁴ A única obra que apresenta uma visão geral das tradutoras brasileiras no século XIX é a tese de mestrado de Maria Eduarda dos Santos Alencar, intitulada *Tradutoras brasileiras dos séculos XIX e XX*.

⁵ Para ter acesso a uma lista de mais de cinquenta nomes de mulheres que traduziram no Brasil no século XIX, veja o Apêndice disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/472/578>.

Republicano (a partir de 1889). No primeiro período, é difícil encontrar mulheres escritoras, embora tenhamos inúmeros relatos de mulheres guerreiras e, entre elas, intérpretes (METCALF, 2008). No período imperial, quando o país se torna a única monarquia das Américas, a imprensa foi estabelecida – embora mais tarde do que em outros países latino-americanos⁶ –, e o mercado de livros resultante floresceu após a mudança da família real portuguesa para o Brasil. Particularmente na segunda metade do século XIX, há registros de um número significativo de mulheres empenhadas na escrita dos mais diversos gêneros, bem como na tradução. Em 1889, com a República, herda-se o legado das mulheres do período anterior, sendo impulsionada a continuidade do número de impressos e escritos de mulheres, e pode-se encontrar um grande ativismo feminista (TELES, 1999).

- 2) **A provável tradutora.** As mulheres no Brasil poderiam ser agrupadas como indígenas, brancas ou negras (TELES, 1999) e, assim como a escrita e a música, a tradução escrita era – e continua sendo – uma atividade com preconceito racial. As mulheres indígenas foram escritoras improváveis, uma vez que não há registros, até o momento, de populações indígenas brasileiras com sistemas de escrita ou registros de mulheres indígenas escrevendo na época. No entanto, as mulheres brasileiras nativas estavam frequentemente em contato com colonizadores europeus e agiam como mediadoras culturais e linguísticas ou “intermediárias” (METCALF, 2008), como tradutoras ou intérpretes orais. Quanto às mulheres afro-brasileiras, é provável que tenham tido mais chances de ter – limitado – acesso à escrita no período pós-abolição, ou seja, após 1888. No entanto, quase não há relatos de escritoras negras conhecidas (DUARTE, 2014). Sabe-se também que mulheres negras, filhas de homens brancos e criadas em famílias brancas, podem ter tido acesso à escrita. Se bem que, até agora, a única mulher afro-brasileira conhecida por ter traduzido⁷ no século XIX é Maria Firmina dos Reis (MENDES, 2016), filha de uma mulher negra e de um homem branco, cujas obras, no entanto, ainda não foram descobertas (TELES,

⁶ O primeiro jornal da América Latina foi o *Gazeta de México y Noticias de Nueva España* (1722). Peru, Colômbia, Uruguai e Argentina tinham jornais circulando antes de 1800. O Brasil entra no século XIX sem sistema educacional ou jornalismo impresso próprio. Um decreto real de 1706 banuiu e confiscou todo material impresso em solo brasileiro. Com isso, o primeiro jornal brasileiro a ser impresso no Brasil foi o *Diário de Pernambuco*, em 1825. O *Correio Braziliense* e a *Gazeta do Rio de Janeiro*, ambos criados em 1808, inicialmente eram impressos em Londres.

⁷ Há registros de escritoras afro-brasileiras, como a poetisa simbolista Auta de Souza (1876-1901), que se formou em francês e inglês, e que também pode ter feito traduções.



2013). Já as mulheres brancas, no início do período colonial, chegaram ao Brasil para exercer funções biológicas⁸. No período imperial, muitas mulheres brancas chegaram com a corte portuguesa em 1808. A partir do início dos anos 1800, algumas mulheres brancas gozavam do *status* de damas da corte e, posteriormente, no período republicano, pertenciam à burguesia branca. Em sua maioria, as mulheres brancas eram criadas para se casar e desempenhar o papel de mãe e esposa no lar (BERNARDES, 1989). Pertenciam a um grupo que gozava de alguma educação com o propósito de refinamento, o que aumentava suas chances de casar. As mulheres brancas eram, portanto, o grupo com maior probabilidade de escrever – e traduzir – no século XIX (MUZART, 2000, 2004);

3) **O aumento da população feminina.** Além das mulheres forçadas a entrar no país em navios negreiros, o fluxo populacional de mulheres para o Brasil decorreu também do Ciclo do Ouro do século XVIII e da ameaça de invasão francesa a Portugal no início do século XIX. A família real portuguesa cruzou o Atlântico e mudou-se para o Brasil em 1808, fugindo de Napoleão. Isso significava que, no século XIX, as mulheres brancas no país eram mais propensas a ter nascido em Portugal, tendo passado o resto de suas vidas no Brasil. É o caso, por exemplo, de Eugênia Infante da Câmara (1837-1874), dramaturga, diretora e tradutora (ABREU, STONE, 2013), e Maria Velutti (1827-1891), que é uma das mulheres presentes no *corpus*. Vale ressaltar que, neste estudo, quando nos referimos a mulheres tradutoras no Brasil, também nos referimos a mulheres estrangeiras que traduziram no país.

4) **O aumento da mobilidade e da circulação de ideias e gêneros.** Com a invenção do barco a vapor⁹ e com todos os aprimoramentos nas viagens marítimas, o número de mulheres viajantes cresceu significativamente no século XIX (ANASTÁCIO, 2011). As chegadas e partidas de barcos a vapor eram seções regulares dos jornais brasileiros¹⁰. O mesmo se aplica a seções sobre novos livros e romances. Os avanços nos transportes e o

⁸ Isso também se aplica a outros países das Américas. Veja as “filhas dos reis” ou “filles-du-roi” no Canadá.

⁹ Na Europa, os trens de passageiros também impulsionaram a mobilidade das mulheres no século XIX. Como resultado, as viagens se tornaram um tópico regular nos escritos das mulheres, como nas cartas e romances de Charlotte Brontë (como, por exemplo, em *Jane Eyre*).

¹⁰ A seção inicial do primeiro número do *Diário de Pernambuco*, o jornal mais antigo em circulação na América Latina, apresentava os principais temas do jornal, entre os quais os movimentos marítimos: “Também se publicarão todos os dias as entradas e saídas das embarcações do dia antecedente, portos de onde vierão, dias de viagem, passageiros, cargas, notícias que trouxerão”. (*Diário de Pernambuco*, número 1, página 1, 7 de novembro de 1825).

desenvolvimento da imprensa escrita fizeram do século XIX brasileiro, por excelência, um século de circulação de pessoas e idéias – nacionais e estrangeiras – sem precedentes. Os gêneros mais comuns do período eram cartas e diários (escritos de viagem), almanaques, romances e, o mais numeroso de todos, peças para jornais e revistas. Muitas mulheres traduziram para jornais e revistas (BERNARDES, 1989) especificamente. Um pequeno número de mulheres traduziu romances, dramas e humanidades. Apesar do envolvimento das mulheres na tradução, não foram encontrados registros de obras de ficção que abordassem a condição de tradutora de mulheres escritoras. Maria Benedita Bormman (1853-1895) foi a única escritora a abordar brevemente a condição de escritora da época em seu romance *Lésbia*, publicado em 1890;

5) **As tradutoras mais conhecidas.** Quatro tradutoras se destacaram no século XIX: Émilie du Chatelêt (1706-1749), Anna Blackwell (1816-1900), Maria P. Chitu (1846-1930) e Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885)¹¹. Chatelêt era “a tradutora mulher” que habitava imaginários de longa data e, apesar de ter vivido no século XVIII, ainda era popular no Brasil no século seguinte. Émilie du Chatelêt foi uma cientista francesa que ganhou considerável reconhecimento por traduzir para o francês os *Princípios Matemáticos da Filosofia Natural* de Isaac Newton (DELISLE, WOORDSWORTH, 1998). Anna Blackwell foi professora de inglês, escritora e tradutora profissional, muito aclamada por suas traduções das obras de Allan Kardec¹² para o inglês. Maria P. Chitu nasceu na Cracóvia e foi aclamada por ser a primeira tradutora de Dante na Romênia, bem como por sua personalidade extremamente forte e erudita (CALINA, 2013). Por último, mas não menos importante, Nísia Floresta, nascida no Nordeste brasileiro, é “indiscutivelmente uma das escritoras mais significativas do início e meados do século XIX no Brasil, senão a mais significativa” (MATTHEWS, 2012). Seu primeiro trabalho publicado foi a tradução de *Woman not Inferior to Man*¹³, que circulou no Brasil como uma tradução livre de *Vindications of the Rights of Woman*, de Mary Wollstonecraft

¹¹ Todas essas mulheres são mencionadas em jornais do século XIX como produtoras de traduções notáveis na Europa. Outras tradutoras bem conhecidas na Europa, como a tradutora de inglês Constance Garnett (1861-1946), amplamente celebrada na Europa por suas traduções do russo (REIS, 2010), provavelmente não eram muito conhecidas no Brasil. Seu nome não foi encontrado nas notícias investigadas até o momento.

¹² A fama de Blackwell no Brasil provavelmente resultou do Espiritismo, introduzido no país no século XIX e estimulado pelos amantes de Victor Hugo e por Sua Alteza Real D. Pedro. Entre outros tradutores da obra de Kardec no Brasil estavam médicos como Bezerra de Menezes (1831-1900).

¹³ *Woman not Inferior to Man*, publicado pela imigrante Sophia, em 1739, foi descoberta como sendo a versão em inglês de *De l'Égalité des deux sexes, discours physique et moral où l'on voit l'importance de se défaire de préjugés*, escrito por François Poullain La Barre em 1673 (PALLARES-BURKE, 1996).

(PALLARES-BURKE, 1996). Essas quatro tradutoras são reconhecidas e lembradas por homens e mulheres letrados, e são uma fonte de inspiração por seu estilo de vida e pelo impacto de sua atividade tradutória;

- 6) **A educação das mulheres.** A sociedade patriarcal do século XIX, por conta dos valores republicanos emergentes, começa a se dirigir à educação de um grupo maior de mulheres. São abertas várias escolas para meninas. Um exemplo é o Colégio Augusto, fundado e dirigido por Nísia Floresta. Apesar dos avanços na educação, a sociedade estabelece limites rígidos em relação à educação das meninas. Conforme descrito a seguir, essas fronteiras moldam e governam os imaginários, o discurso e os escritos das mulheres do século XIX.

3 MULHERES NA TRADUÇÃO: ATOS DE TRADUÇÃO NOS ANOS 1800

Ao examinar as práticas de tradução do século XIX, fomos capazes de identificar três tipos principais de atos de tradução realizados por mulheres. Esta seção enumera e categoriza os atos de tradução relacionados às mulheres em:

1. *prototradução feminina*¹⁴,
2. *tradução feminina e*
3. *tradução feminista.*

Como não há registros escritos, mas apenas menções ou alusões a gêneros traduzidos em várias fontes escritas, as *prototraduções femininas* não são traduções *per se*. Correspondem principalmente a menções – em documentos históricos – a gêneros orais proferidos por homens e traduzidos por mulheres, pois muito antes de elas chegarem à imprensa brasileira, elas – as mulheres indígenas em particular – vinham atuando como intérpretes, mediadoras e/ou “intermediárias” (METCALF, 2008) nas negociações e na diplomacia (JULIO, 2015). Deixar de reconhecer as menções a esses atos de tradução, argumentando que são gêneros orais indefinidos ou que não eram regidos por convenções de interpretação só serve para fortalecer

¹⁴ A prototradução é inspirada na *Protohistória* de Valentín García Yebra, de 1994. Nesse sentido, independentemente de não haver *corpora* de textos traduzidos que forneçam evidências diretas de um determinado grupo de tradutores ou atos de tradução, há fontes que apontam a existência de tradução oral em execução e/ou textos traduzidos.

a invisibilidade e a negação de uma parte significativa da historiografia de mulheres tradutoras e intérpretes. Vale ressaltar que resgatar e reconstruir a história das mulheres nos Estudos da Tradução é algo que está longe de acontecer em razão de desafios inerentes, como a falta de fontes documentais¹⁵. Existem pouquíssimos nomes de mulheres na proto-história da tradução; uma que se destaca no período colonial do século XIX é a intérprete Damiana da Cunha (JULIO, 2015).

Em contraste com o *corpora* não existente de traduções da *prototradução feminina*, a segunda categoria, *tradução feminina* ou *tradução para mulheres*, fornece aos pesquisadores acesso direto aos textos traduzidos. Mas que tipo de texto? Os textos traduzidos do século XIX destinavam-se principalmente ao público em geral, e os textos originais favoreciam o patriarcado dominante e foram escritos principalmente por homens, mas também por mulheres. Havia muitos "textos femininos" traduzidos por homens para um público feminino. Essas traduções femininas contribuíram significativamente para a manutenção das mulheres sob o sistema patriarcal, uma vez que visavam "refinar" as mulheres e torná-las "melhores" esposas e mães, e nada mais que isso. Um exemplo de tradução feminina é a obra de Miguel do Sacramento Lopes da Gama (1791-1852) no jornal *O Carapuceiro*. Os originais eram artigos do jornal britânico *The Spectator*, traduzidos à moda *belles-infidèle* para mulheres dos trópicos (PALHARES-BURKE, 1996). As mulheres também se engajaram na tradução de "textos femininos", mas na maioria das vezes as próprias tradutoras não tinham esse ato de tradução em alta conta (BERNARDES, 1989).

O terceiro ato de tradução identificado é a tradução feminista, que surgiu no século XIX como um meio de acertar, modelar e/ou divulgar os direitos das mulheres. Este ato de tradução consistia em mulheres traduzindo originais escritos por mulheres e para mulheres. Os gêneros feministas incluíam principalmente artigos, críticas e ensaios. A tradução feminista foi responsável pela circulação das ideias feministas em todo o mundo (COSTA e ALVAREZ, 2003). Era provável que tivesse um caráter bilateral. Em outras palavras, quando um texto feminista era traduzido para um idioma de destino, um original do idioma de destino seria traduzido para o idioma de origem – uma espécie de troca de conhecimento entre tradutoras feministas. É o caso de Josefina Alvares de Azevedo (1851-1905) que, como redatora-chefe, traduziu textos femininos do jornal francês *Le droit des femmes* para o jornal brasileiro *A família*. Da mesma forma, o jornal francês *Le droit des femmes*, editado pela feminista Eugénie

¹⁵ Luís da Câmara Cascudo aborda o assunto muito brevemente em *Literatura Oral no Brasil* (2006).

Potonié-Pierre (1844-1898), publicou uma versão traduzida de *O voto feminino*, de Josefina Alvares de Azevedo, que tratava dos direitos políticos das mulheres na época (BERNARDES, 1989; SOUTO-MAIOR, 2000).

À luz dos parágrafos anteriores, nossa abordagem teórica reside nos atos de tradução de mulheres e na tradução feministas. Como qualquer ato de tradução, ele é iniciado no estágio da leitura:

A leitura é o que transforma em obra as letras, frases e enredos. E a leitura é sempre determinada pelo lugar ocupado por um leitor na sociedade, num determinado momento histórico. Portanto, é feito por meio do crivo de classe, raça e gênero. Essas mesmas noções, de classe, raça e gênero são mutáveis e construídas no decorrer da história. Sendo assim, cada romance é um local de intersecção de toda uma teia de códigos culturais, convenções, citações, gestos e relações (TELLES, 2013, p. 402).

Ler é um *locus* privilegiado a partir do qual se reflete sobre por que e para quem se traduz. É também na leitura que se faz a pergunta: “Quem traduz?”. Com efeito, o material de leitura literária oferecido às leitoras brasileiras nos anos 1800 não iluminou positivamente as tradutoras, conforme apresentado a seguir. No entanto, a figura pobre/ruim da tradutora poderia ser interpretada como um sinal de que a profissão de tradutor(a) estava prestes a mudar.

4 MULHERES TRADUTORAS NA LITERATURA DO SÉCULO XIX

O século XIX foi inegavelmente o século do romance (TELLES, 2013). Portanto, os romances servem como fontes e caminhos para a compreensão dos contextos sociais e culturais do período. Eles fornecem elementos que mostram os potenciais imaginários, mentalidades e propósitos discursivos ficcionais da época. Além disso,

Sabe-se, hoje, que os gêneros literários estão intimamente relacionados às condições sociais e históricas que determinam a formação do público leitor, com seus gostos e sensibilidades e que, por outro lado, eles também se alteram de acordo com a mudança do suporte material dos textos, como demonstra a história dos manuscritos, dos impressos e das recentes experimentações digitais (FERREIRA, 2013, p. 73).

Assim, antes de serem vendidos em forma de livro, os romances costumavam ser publicados parceladamente em jornais ou folhetos (MEYER, 1996). O romance era um gênero literário procurado por homens ou mulheres que queriam se tornar ou ser considerados

letrados. A História Literária¹⁶ do século XIX é um território dominado pelos homens que apenas atribui o *status* de grande escritor a eles. Consequentemente, as romancistas de sucesso do passado foram eliminadas da história e da historiografia.

Além disso, é importante notar que ser tradutor era uma espécie de “estágio obrigatório” para romancistas de sucesso (ESTEVEZ, 2003). À luz de todas as circunstâncias que cercam os romances brasileiros do século XIX, as seções a seguir procuram responder às seguintes questões: Como as personagens mulheres tradutoras eram retratadas nos romances brasileiros do século XIX? Como os atos de tradução das mulheres são narrados?

Antes de abordar diretamente como as mulheres-personagens-que-traduziam eram retratadas nos romances brasileiros do século XIX, vale a pena levar em conta como as mulheres da classe alta em geral eram vistas. Em *Helena*, romance de Machado de Assis, o autor transmite o imaginário que paira sobre a educação das mulheres nos anos 1800:

Além das qualidades naturais, possuía Helena algumas prendas de sociedade, que a tornavam aceita a todos, e mudaram em parte o teor da vida da família. Não falo da magnífica voz de contralto, nem da correção com que sabia usar dela, porque ainda então, estando fresca a memória do conselheiro, não tivera ocasião de fazer-se ouvir. Era pianista distinta, sabia desenho, falava correntemente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. Entendia de costura e bordados e toda a sorte de trabalhos feminis. Conversava com graça e lia admiravelmente. Mediante os seus recursos, e muita paciência, arte e resignação, — não humilde, mas digna, — conseguia polir os ásperos, atrair os indiferentes e domar os hostis (ASSIS, 1979, p. 286).

O relato de Machado de Assis sobre as qualidades de Helena é uma descrição perfeita de um modelo de educação para a burguesia. Uma educação adequada para mulheres que não trabalhavam fora de casa, mas sabiam ler, bordar, tocar piano e falar línguas estrangeiras (BERNARDES, 1989) para poder se tornar a melhor companheira possível para o homem, além de ser aquela que entretém a família e promove reuniões sociais.

Helena fornece uma visão sobre a educação das mulheres burguesas brasileiras brancas. No que diz respeito às línguas estrangeiras, continuaremos a examinar o romance nesta seção, a fim de verificar como renomados escritores brasileiros do século XIX escreveram sobre personagens femininas que empregaram suas habilidades em línguas estrangeiras para traduzir.

¹⁶ Em *Formação da Literatura Brasileira*, por exemplo, Antonio Candido (1981) sequer menciona uma mulher escritora, seja ela brasileira ou estrangeira.



Seguem-se excertos de romances exemplares na captação e transmissão do imaginário em torno das mulheres que se dedicaram à tradução no século XIX, nomeadamente *Lucíola: perfil de mulher* (1862) e *Senhora: perfil de mulher* (1875), de José de Alencar (1829-1877), e *A Carne* (1888), de Júlio Ribeiro (1845-1890).

Somado ao fato de que os três romances fornecem uma visão do imaginário do período sobre mulheres tradutoras, sua ordem cronológica de publicação revela que a mentalidade dos séculos evolui em termos do que significa ser um tradutor, pelo menos em um ambiente ficcional. Essa “evolução” acompanha o desenvolvimento da profissão de tradutor no Brasil, pois é durante a segunda metade do século – justamente na época da publicação de *Lucíola*, *Senhora* e *A Carne* – que a profissão se desenvolve entre (homens e) mulheres.

4.1 Excerto 1 – *Lucíola: perfil de mulher* (1862)

Muitas vezes achava Lúcia cosendo e cantando à meia voz alguma monótona modinha brasileira, que só a graça de uma bonita boca, e a melodia de uma voz fresca, pode tornar agradável. Outras vezes passava horas inteiras esboçando um desenho, tirando uma música ao piano, escrevendo uma lição de francês, língua que aliás traduzia sofrivelmente; ou enfim bordando ao bastidor algum presente que me destinava (ALENCAR, 2015, p. 134).

No trecho acima, retirado da primeira parte do romance, a personagem principal, Lúcia, traduz porque conhece línguas estrangeiras; portanto, a tradução é representada como um passatempo. Porém, o ofício da tradução é realizado “sofrivelmente”, o que quer dizer que pode ter havido um grande esforço (penoso), mas o resultado foi pobre.

Esse trecho reforça a visão patriarcal da tradução, que, como muitas outras atividades, não era destinada às mulheres, nem mesmo como passatempo, já que elas estavam totalmente aquém da tarefa. Na verdade, um olhar mais atento ao trecho mostra que atividades consideradas “criativas”, como escrever textos ou música, não cabiam às mulheres, uma vez que elas meramente reproduziam obras já existentes ou se engajavam em atividades orientadas: “passava horas inteiras esboçando um desenho, tirando uma música ao piano, escrevendo uma lição de francês”.

O segundo trecho, retirado de *Senhora*, de Alencar, continua a reforçar a ideologia patriarcal que rege a tradução feita por mulheres. Porém, neste caso, há muito mais desprezo, já que a personagem feminina mostra interesse por Byron, mas, para melhor entender o escritor inglês, ela expressa seu desejo de uma tradução. Em vez de tentar traduzir ela mesma o original, ela pede a um homem que cumpra a tarefa.



4.2 Excerto 2 – *Senhora: perfil de mulher* (1875)

Seixas descrevia naquele momento a D. Firmina o lindo poema de Byron, Parisina. O tema da conversa fora trazido por um trecho da ópera que Aurélia tocara antes de vir sentar-se na calçada.

Depois do poema ocupou-se Fernando com o poeta. Ele tinha saudade dessas brilhantes fantasias, que outrora haviam embalado os sonhos mais queridos de sua juventude. A imaginação, como a borboleta que o frio entorpecera e desfralda as asas ao primeiro raio do sol, doudejava por essas flores d'alma.

Não falava para D. Firmina, que talvez não o compreendia, nem para Aurélia que certamente não o escutava. Era para si mesmo que expandia as abundâncias do espírito; o ouvinte não passava de um pretexto para esse monólogo.

Às vezes repetia as traduções que havia feito das poesias soltas do bardo inglês; essas jóias literárias, vestidas com esmero, tomavam maior realce na doce língua fluminense, e nos lábios de Seixas que as recitava como um trovador. [...]

– O senhor deve traduzir este poema. É tão bonito! disse D. Firmina.

– Já não tenho tempo, respondeu Seixas; nem gosto. Sou empregado público e nada mais.

– Agora não precisa do emprego; está rico.

– Nem tanto como pensa.

Aurélia levantou-se tão arrebatadamente, que pareceu repelir o braço do marido, no qual pouco antes se apoiava.

– Tem razão; não traduza Byron, não. O poeta da dúvida e do cepticismo, só o podem compreender aqueles que sofrem dessa enfermidade cruel, verdadeiro marasmo do coração. Para nós, os felizes, é um insípido visionário.

Como podemos observar, o personagem masculino não atende ao pedido. Metaforicamente, essa passagem sugere que o desejo de uma mulher por tradução só poderia ser alcançado no século XIX com a permissão ou por meio do conhecimento de um homem. A passagem subestima abertamente as mulheres como leitoras – e como tradutoras. Curiosamente, é o próprio narrador quem duvida da capacidade da personagem feminina de traduzir, e não os personagens.

Tendo examinado o imaginário sobre mulheres tradutoras na obra de José de Alencar, vamos observar o excerto 3, do romance *A Carne*, de Júlio Ribeiro.

4.3 Excerto 3 – *A Carne* (1888)

Satisfeita a curiosidade científica de Lenita quanto ao estudo experimental da eletrologia, que ela dantes só aprendera teoricamente, passaram à química e à fisiologia. Depois foram à glótica, estudaram línguas, grego e latim com especialidade: traduziram os fragmentos de Epicuro, o De Natura Rerum de Lucrecio. [...]

– Que não sabia o que aquilo era, pensava. Admiração por talento real em uma moça, por faculdades inegavelmente superiores em uma mulher? Possivelmente. Mas em



Paris trabalhara ele muito tempo com madame Brunet, a tradutora sapientíssima de Huxley; com ela fizera centenas de dissecações anatômicas, com ela aprofundara estudos de embriogenia; respeitava-a, admirava-a; e nunca sentia junto dela o que sentia junto de Lenita. E, todavia, madame Brunet não era feia, bem ao contrário.

Em *A Carne*, apesar de Ribeiro não representar mulheres tradutoras em forte oposição a Alencar, sua representação não é tão depreciativa. Lenita, a personagem principal, aprende o suficiente para traduzir um texto do latim, embora o faça junto com um homem: “Eles traduziram dos fragmentos de Epicuro ou do *De Natura Rerum* de Lucrecio”.

No entanto, o que se destaca no excerto 3 é o fato de uma mulher receber o rótulo de tradutora no romance: “Sra. Brunet, a tradutora extremamente erudita de Huxley”. Comparando Lenita com a sra. Brunet, o romance reconhece, por meio de um surpresa Manuel Barbosa, que existem mulheres de “verdadeiro talento” e uma “superioridade de habilidades inigualável”. Assim, também reconhecendo que as mulheres brasileiras são capazes de traduzir – embora ao lado dos homens e nunca obras literárias, apenas as ciências duras “não criativas”. Consequentemente, o imaginário em torno das mulheres tradutoras transmitido pelo romance de Ribeiro é que “verdadeiras – e, portanto, literárias – tradutoras” são estrangeiras.

Analisando os trechos anteriores, chegamos aos elementos essenciais que compõem os imaginários que envolvem traduções feitas por mulheres entre os leitores de romances e folhetos brasileiros: um passatempo ou uma obra inferior não literária, mal executada por mulheres brasileiras, que requeriam a colaboração dos homens.

Uma vez que os três romances circularam amplamente e foram todos escritos por homens, e considerando que não há registros de romances escritos por mulheres do século XIX que mencionem mulheres tradutoras como personagens, pode-se inferir que, por muito tempo, o imaginário sobre as tradutoras foi marcado por preconceitos, ideologias patriarcais e uma representação amarga de mulheres que traduziram profissionalmente. Uma visão muito limitadora da profissão, que provavelmente era dominante. O depoimento nos leva à próxima seção deste artigo, que trata da representação das mulheres nos veículos noticiosos do século XIX.



5 MULHERES TRADUTORAS EM UM *CORPUS* JORNALÍSTICO DO SÉCULO XIX

Nesta seção, pretendemos descrever como as mulheres tradutoras apareceram nas notícias do século XIX. Posteriormente, comparamos nossas descobertas com o imaginário sobre as mulheres tradutoras dos romances literários mencionados anteriormente. Esta parte do estudo teve início com uma busca na base de dados de periódicos on-line disponível na Biblioteca Nacional, na seção Jornais e Revistas do *site*¹⁷, e na Biblioteca São Clemente Digital da Fundação Casa Rui Barbosa¹⁸.

Assim como os romances transmitem os imaginários que aparecem em certos períodos históricos, os jornais são fontes históricas igualmente valiosas. Segundo a historiadora brasileira Tania Regina de Luca:

Pode-se admitir, à luz do percurso epistemológico da disciplina [História] e sem implicar a interposição de qualquer limite ou óbice ao uso de jornais e revistas, que a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público (LUCA, 2015, 139).

Em outras palavras, nenhum item em um jornal ou revista é publicado sem expectativas precisas em termos de público-leitor: determina-se de antemão quem são os leitores, onde, por que e como leem. Isso também significa que a forma e o conteúdo de uma publicação específica são sempre meios para um fim específico. Além disso, a materialidade da publicação (tamanho e tipo de papel, tipografia, seção de jornal ou revista etc.) tem um significado único em termos de veiculação de ideologias (LUCA, 2015).

Com isso em mente, e a fim de comparar as tradutoras de ficção do século XIX com as mulheres nas notícias, nossa busca na Coleção de Jornais e Revistas da Biblioteca Nacional e na Biblioteca São Clemente Digital da Fundação Casa Rui Barbosa começou com os termos “tradutora” e “traductora”¹⁹.

A busca gerou 22 resultados em 21 jornais²⁰. Apenas um, o *Mai de Família*, era direcionado especificamente ao público feminino, embora dirigido por homens (DUARTE,

¹⁷ <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

¹⁸ http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=3

¹⁹ A grafia adotada pelos jornais é inconsistente no século XIX. Outros exemplos: brasileira/brasileira, lingoas/linguas.

²⁰ Jornais da pesquisa: *A mai de Família, A patria, A república, A semana, O binoculo, A Vida Fluminense, Monitor Campista, Cearense, Correio da Tarde, Correio Mercantil, Gazeta Suburbana, Ilustração Basileira, Noticiador*

2017). As linhas editoriais variavam entre os jornais. O público-alvo também era diferente. Houve publicações regionais e nacionais nos resultados, bem como publicações religiosas²¹. As informações sobre os tradutores geralmente apareciam nas páginas um ou dois, ou nos anúncios classificados.

Depois de ler todas as peças e fornecer a visão geral dada acima, o *corpus* de notícias foi explorado com o software de processamento de linguagem AntConc (Anthony, 2018), um *freeware* para análise de *corpus*. O AntConc fornece um *kit* de ferramentas para concordância e processamento de texto. Ao abordar a linguagem de uma perspectiva linguística de *corpus*, é possível ler a linguagem natural por meio de programas de computador que processam informações de alta qualidade derivadas de padrões de palavras e estatísticas. Historiadores têm recorrido à linguística de *corpus* para, entre outras razões, explorar conjuntos de dados, marcar discursos e investigar como os grupos foram construídos ao longo do tempo (ATKINSON, GREGORY, 2017; McENERY, BAKER, 2016).

O AntConc mostrou que as palavras mais frequentes no *corpus* foram: *atriz* e *nome*. Com base nessas duas palavras, foram produzidas linhas de concordância que revelam que as tradutoras eram construídas como: atriz e artista, a prolífica tradutora como esposa, a tradutora como aquela que escolhe o que traduzir, a tradutora como cuidadosa e estudiosa, a tradutora como autora publicada, tradução de mulheres como fraude ou inferior, a tradutora como não identificada, mas respeitável e modesta, e a tradutora como educadora. Para ampliar nossa análise e contextualizar essas construções, apresentamos a seguir algumas das notícias do *corpus* e as comparamos com os imaginários dos romances.

A seguinte peça sobre D. Almerinda Mourão Pereira de Carvalho é a única peça do *corpus* que condiz com os imaginários dos romances:

Consta-se que se acha no prélo o romance de Manoel de Poitevin *A herança de Tântalo*, que faz parte da interessante bibliotheca da Mai de família, e é traduzido pela nossa conterranea D. Almerinda Mourão Pereira de Carvalho, filha do nosso amigo. Sr. professor Felisberto de Carvalho.

É um verdadeiro mimo que a traductora offerece ás suas jovens patricias, a quem por essa forma proporciona um tão agradável quão innocente e útil passatempo. (*O Fluminense*, Anno X. N. 1470. Nictheroy, Domingo, 30 de outubro de 1887).

de Minas, O Apostolo, O despertador, O Fluminense, O Mercantil, Revista Illustrada, O democrata, Gazeta de Noticias e A Estação.

²¹ Também circulavam jornais estrangeiros no Brasil, que provavelmente relatavam sobre mulheres tradutoras e traduções feitas por mulheres. Nossa pesquisa, no entanto, foi limitada a jornais brasileiros e contou com a tecnologia atual para leitura ideal de caracteres. Como a digitalização das fontes não é cem por cento precisa, temos motivos para acreditar que há mais ocorrências de tradutora/traductora nas coleções digitais consultadas.



De acordo com a peça acima, as mulheres leem as traduções como um passatempo – “inocente e útil”. A tradução é realizada por uma refinada esposa e mãe como um “presentinho” (um “mimo”), portanto quase insignificante, para outras mulheres. A tradução publicada em livro faz parte da coleção *Mai de família*, e ser “inocente e útil” fala muito sobre seus leitores. Na categorização de atos de tradução apresentada acima, a tradução de Carvalho de *A herança de Tântalo* pode ser considerada uma tradução feminina, ou seja, uma tradução feita por uma mulher, de um texto que é produto da ideologia patriarcal e escrita por um homem.

As próximas três peças foram escolhidas para orientar nossa análise porque se referem à mesma tradutora, Maria Velluti, que reúne a grande maioria das construções acima mencionadas reveladas com as estatísticas e linhas de concordância produzidas com o AntConc (Anthony, 2018).

A primeira peça a seguir chama a atenção para duas novas peças de Velluti traduzidas. A tradução teatral no século XIX era considerada um gênero inferior quando comparada aos romances literários dos grandes escritores do sexo masculino. Como tal, eles podem ter sido considerados mais adequados para serem traduzidos por mulheres.

Ao publico.

A Sra. D. Maria Velluti, insigne actriz do theatro Gymnasio, eximia e fecunda traductora de muitas peças que alli, e n'outros theatros de côrte, se teem representado com subido applause, vai publicar duas das suas escolhidas producções.

A 1ª é a famosa composição que tem por título:

A VIDA DE UMA ACTRIZ

Drama em 5 actos e 8 quadros, Dedicado

A Sra. D. Luduvina Soares da Costa.

E ACOMPANHADO DO RETRATO D'ESTA INSGNE TRAGICA PORTUGUEZA.

A 2ª é a engraçada e espirituosa comedia intitulada:

A VIUVA DAS CAMELIAS

Á qual uniremos o retrato da illustre traductora, ainda que a sua modestia o não consinta e; asseveramol-o, porque ella não póde, (e se póde não deve) contrariar os desejos tão justos como respeitosos, dos sinceros apologistas do seu reconhecido merito.

Para estas duas obras, que se estão imprimindo, e brevemente sahirão á luz, aceitam-se assignaturas na livraria de B. X. Pinto de Souza, rua dos Ciganos n. 43, a 4000 por ambos os volumes em brochura, pagos ao recebimento d'elles; ou encadernados, pagando-se no acto da subscrição.

A livraria faz aos senhores assignantes as concessões que offerece aos compradores de livros, na forma de annuncios publicados²².

Outro elemento interessante da obra acima é o retrato/foto de Velluti que fará parte da tradução publicada. O retrato como símbolo da sua presença, mas também como posse de um

²² Correio da Tarde. Anno V. N. 71. Rio de Janeiro, sabbado, 26 de março de 1859. p. 4.



objeto/pessoa antes inacessível. Assim, a artista/tradutora torna-se acessível não só por meio do livro publicado, mas também por meio de seu retrato (PAVAN, 1991).

Ter a imagem querida e desejada significa ser admirado. Isso nos leva à segunda peça sobre Velluti, que é um Soneto de D. Beatriz Francisca de Assiz Brandão.

SONETO

Á Illma. Sra. D. Maria Velluti, distincta actriz e eximia traductora do theatro
Gymnasio, em 16 de setembro de 1859, dia de seu beneficio.

Afouta pisa o palco magestoso,
Primogenita illustre de Thalia;
Do vicio hediondo a mascara desvia, Dá
ao riso o ridículo orgulhoso.

Da virtude o semblante radioso
Se ostente sobre os gozos da alegria,
Teus talentos gentis, tua magia
Adoça o cálix acido e amargoso.

A sciencia, que o palco glorifica,
Brilha em teus actos magestosa e amena,
E duplicada c'róa te dedica.

Tu, Velluti, triumphas sobre a scena, E
com phrase fiel, pomposa e rica,
Empunhas de Molière a douta penna.

Por sua admiradora D. BEATRIZ FRANCISCA DE ASSIZ BRANDÃO²³.

No soneto, Velluti é uma artista, e não uma artesã, ou seja, ela é capaz de um trabalho criativo – ao contrário das mulheres tradutoras dos romances. Por ser artista, ela não se limita a copiar ou reproduzir, ela é única e deixa sua marca. Velluti reproduz/representa o texto (traduz) para um novo contexto. É reconhecida como mulher das letras: “pena na mão”.

A próxima peça não é tão lisonjeira. Transmite a rivalidade entre Maria Velluti e João Caetano no cenário teatral brasileiro do século XIX.

Gymnasio Dramatico.

O DR. TIL.

- Um artigo ha dias inserto no *Mercantil* plantou a convicção no coração dos duvidosos a respeito de ser ou não a Sra. Velluti uma actriz de mão cheia.
- O *Til* opine pela mão vazia.
- O pai do tal artigo póde é dizer o que quizer, que nem por isso eu deixarei de dizer o que penso.
- O que elle póde é dizer que eu sou estúpido.
- Mas eu posso responder-lhe que – eu sou, tu és e muita gente boa não deixa de ser.
- Mas o que em todo o caso também é certo, é que a actriz nada lucre com os

²³ Correio Mercantil. Anno XVI. B. 257. Rio de Janeiro, terça-feira, 20 de setembro de 1859



elogios do tal elogiador.

- O comunicante, anunciante, ou o que quiserem, aponta a Sra. Velutti como limada tradutora; mas eu nego-lhe essa qualidade, porque sei de fonte limpa, que alguém lhe lima as obras, e até dizem, não eu, que é o Illm. Sr. S.H.J.

- A cada um o que é seu: si é certo o que o Sr. S. H. J. é quem aperfeiçoa as obras da Sra. Velutti, não seja a corôa de glória para a Sra. Velutti, e sim para o Sr. S. H. J.

- Mas é bem feito: si o Sr. S.H.J. se anunciasse como limador, já a Sra. Velutti não engordava com elogios que cabem a outros, menos ainda passaria aos olhos dos ignorantes por uma tradutora eximia.

- Por hoje basta, que não está de maré o

Dr. Til.²⁴

Contemporânea e rival de João Caetano, apesar da grande popularidade de que desfrutou durante parte de sua vida, o papel inovador de Velluti no teatro brasileiro foi obscurecido pelas preferências clássicas de Caetano. Enquanto João Caetano é comumente referido como ator-empresário, Velluti é rotulada como atriz – apesar de ter sido tradutora e dramaturga original. A popularidade e a fragmentação do papel de Velluti na cena teatral brasileira podem ser construídas com base na análise do *corpus* de sua obra como tradutora e confirmadas pelos discursos historiográficos atuais. Velluti – e outras tradutoras mulheres – foram categoricamente apagadas por certos discursos historiográficos nos Estudos da Tradução:

Os tradutores eram homens – nunca mulheres – ativos na função pública, na literatura, no jornalismo, na política e no próprio teatro – como o actor-gestor João Caetano, a quem frequentemente se atribui o passo decisivo para libertar o nosso palco do domínio português (Wyler, 2001, p. 83).

Por outro lado, o *corpus* revela a riqueza da experiência e a variedade da obra de Velluti, além de fornecer informações sobre as rivalidades ou mal-entendidos entre Velluti e João Caetano. Isso apareceu em Dr. TIL²⁵, peça examinada acima. Portanto, nossa narrativa historiográfica sugere que Velluti desfrutou de um período de muita popularidade, quando o Teatro do Ginásio Dramático do Rio de Janeiro fomentou traduções de outras mulheres, como Guiomar Torrezão²⁶, que será abordada na notícia seguinte. Velluti foi então implacavelmente atacada e subestimada pelos apoiantes de João Caetano, como o Dr. TIL, e caiu no esquecimento em termos de História da Tradução. Uma mulher que, além de atuar, dramatizar e dirigir, traduziu mais de quarenta e cinco peças em pelo menos três línguas ao longo de trinta

²⁴ *Correio da Tarde*. Anno III. N. 287. Rio de Janeiro, quarta-feira, 16 de dezembro de 1857. p. 2.

²⁵ *Correio da Tarde*. Anno III. N. 287. Rio de Janeiro, quarta-feira, 16 de dezembro de 1857. p. 2.

²⁶ *Gazeta de Noticias*. Numero avulso 40 R. Anno II – N. 210. Rio de Janeiro, segunda-feira, 31 de julho de 1876. p. 2.



anos (MONTEIRO, 2016). Nossa análise mostra, porém, que mesmo a obra de uma grande e reconhecida tradutora como Velluti foi posta em questão, colocada em dúvida e atribuída a um homem: “*A cada um o que é seu: si é certo o que o Sr. SHJ é quem aperfeiçoa as obras da Sra. Velutti, não seja a corôa de glória para a Sra. Velutti, e sim para o Sr. S. H. J.*”. É importante frisar que tanto Torrezão como Velluti nasceram em Portugal e, por isso, esperamos encontrar mais mulheres portuguesas que traduziram no Brasil para averiguar se foram construídas da mesma forma – ou de forma mais positiva – que as suas contrapartes brasileiras.

Em termos de tradutoras construídas como educadoras, uma construção que não apareceu na notícia sobre Velluti, selecionamos a matéria que anuncia que D. Florinda d'Oliveira Fernandes, ex-tradutora de vários jornais, estava abrindo uma escola no Rio de Janeiro.

Ao público

Abrio-se no dia 12 de janeiro ultimo, na côrte, rua das laranjeiras n. 95, um grande estabelecimento d'instrucção primaria e secundaria para o sexo feminino, dirigido pela exm.^a snr.^a D. Florinda d'Oliveira Fernandes, digna consorte do Illm.^o Dr. Fernando Manoel Fernandes. A fecunda idea de propagar a instrucção na terra do seu nascimento, e d'est'arte contribuir para o bem da sociedade de que faz parte, forão os sentimentos que presidirão a fundação de tão patriotico estabelecimento.

O nome da exm.^a directora, assaz conhecido na côrte do império, por sua illustração não vulgar, torna-se duplamente disctincto pelo assignado serviço que muito tempo presto ás redacções dos jornaes – CORREIO MERCANTIL, DIARIO DO RIO e DIARIO OFFICIAL, como traductora das lingoas franceza, ingleza e hespanhola. A elevado cadebal scientifico junta a exm.^a directora os nobres dotes da mais rigida moral evangelica, e de profundo amor a nossa santa religião, o que autorisa crer-se que a ardua empresa que dirige terá da parte dos habitantes da heroica provincia de Minas, e especialmente dos responsáveis srs. chefes de familia, o mais benevolo acolhimento. Acresce que o pessoal das professôras foi com esmero escolhido por e. exc. Entre senhoras nacionaes e estrangeiras, que a devem coadjuvar efficazmente, e á sua exm.^a filha, que occupa o lugar de vice- directora do collegio. O local é um dos mais acreditador pela amenidade do seu clima. O edificio vasto, asseiado, e de immensos recursos, é collocado n'uma magnifica chacara que reúne todas as condições hygienicas, e d'uma vida aprasivel. O preço das pensões é modico e razoável, não excedente dos que se pagão nos principaes collegios da côrte. As pessoas que desejarem maiores esclarecimentos podem dirigir-se n'esta capital ao sr. David Moretszohn.

A presente publicação é mandada fazer como meio de manifestar um tributo devido ao merecimento da exm.^a D. Florinda, e d'animar a instrucção n'esta terra. (Noticiador de Minas – órgão conservador. Anno IV. N. 298. Terça-feira, 11 de abril de 1871. p. 3)

As notícias sobre D. Florinda d'Oliveira Fernandes são muito reveladoras. Ela não apenas traduziu para mais de um jornal, como também traduziu do francês, inglês e espanhol, e abriu uma escola. Adicionalmente, esta notícia informa que D. Florinda nomeou a filha como

vice-diretora da escola, ilustrando assim uma transmissão geracional de conhecimentos, que pode levar à mobilidade social. Isso parece um padrão, já que temos outros exemplos como os de Nísia Floresta e sua filha Lívia Augusta Rocha.

Por fim, tradutoras “modestas” frequentemente também eram “anônimas”, conforme mostrado a seguir:

Hygiene Geral

O interessante trabalho que hoje começamos a publicar é tradução adaptada ao nosso clima e costumes, feita por uma distinta brasileira, parente da um clínico desta côrte, cuja nome é uma gloria nacional, privando-nos de mencionar o nome da distincta tradutora, sua exageradissima modestia [sic]. (*A mai de Familia* - Jornal Scientifico-Litterario. Nº 19. 7º Anno. 15 de outubro de 1885, p. 148)

A obra *Hygiene Geral*, apresentada acima, refere-se a uma tradutora que, segundo o texto, por sua “extrema modéstia”, não terá seu nome revelado. Além disso, também houve tradutores que se esconderam atrás de outros nomes. Paula Candida²⁷ e Zélia²⁸ são dois pseudônimos presentes no *corpus*, e o motivo de não usarem o nome verdadeiro também é atribuído à modéstia.

É importante notar que as mulheres do século XIX eram tomadas por padrões de modéstia, definidos como uma atitude de decoro e decência. No entanto, também sabemos que ao longo do século XIX muitas escritoras usaram pseudônimos, masculinos e femininos, por motivos que vão desde a liberdade de escrever até serem levadas a sério por editores e críticos. Embora reconheçamos essas razões, as notícias do *corpus* nos levaram a acreditar que o senso de modéstia socialmente esperado e a preocupação com a reputação de uma mulher podem ter tido um peso significativo. Principalmente no caso de Zélia, que era uma tradutora muito jovem e provavelmente era solteira. É possível, por exemplo, que ela e sua

²⁷ [...] Ao enfrentar com uma senhora elegantissima, formosa e lhana, que acceitou o encargo sob condição de jamais revelar-lhe o nome, elle exultou e deu parabens a si. Aceito o pacto, Paula Candida, muito illustrada, comquanto assás modesta, nem por sombras quer que saiba ella quem seja. Por essa razão, ainda que eu aprecie-lhe o talent, vejo-me na dura necessidade de occultar o verdadeiro nome da minha distinctissima college de collaboração a qual com a maxima pontualidade, quinzenalmente envia o trabalho, feito com a circumspecção e mimo que lhe conhece. No entretanto, não obstante a sua teimosia em guardar o incognito, do qual nem mesmo por amor á arte ousou erguer sequer o véu declinando nomes, peço venia á sympathica trabalhadora para dizer-lhe que aquelle que tem berço, educação e talent, pela mais simples palavra, fallada ou escripta, se revela. [...] (*A Estação*, XXIV. Anno N. 24. 31 d dezembro de 1895. p. 159.)

²⁸ [...] Temos a honra de conhecer a joven traductora e a noble família á que pertence; temos também a felicidade de apreciar bem de perto a dedicação e esmero com que cura da educação litteratira e religiosa de seus filhos, o pai da joven Zelia, e respeitando sua vontade, e só por isso, nos limitandos a dar esta noticia sem declararmos o nome da e distincta litteratra e do seu digno pai. [...] (*O Apóstolo*. Anno VII. N. 12. Rio de Janeiro, Domingo, 24 de março de 1872).

família estivessem cientes do fato de que ter o nome de uma pessoa em todos os jornais pode ser interpretado como falta de propriedade. Destaca-se a quantidade de pseudônimos, conforme demonstrado no Apêndice²⁹. Portanto, além das convenções sociais da época, não se deve descartar que, no contexto dos jornais, pseudônimos também possam ter sido utilizados para que as tradutoras pudessem exercer mais de um emprego em veículos diferentes.

6 CONCLUSÃO

Antes de abordarmos nossos principais achados, vale mencionar que este estudo tem uma série de limitações. O primeiro é o tamanho do *corpus*, que resultou das consultas nas bases de dados digitais. Como mencionamos acima, a tecnologia de leitura óptica de caracteres ainda não é a ideal, portanto é altamente provável que haja mais ocorrências das palavras “tradutora/traductora” nas bases de dados. Outra limitação é o grupo de mulheres aqui representado. Este estudo abordou mulheres burguesas brancas no Brasil que receberam a educação tradicional burguesa em línguas estrangeiras e outros “refinamentos”. Deixou de fora as mulheres afro-brasileiras, indígenas e outros grupos marginalizados de mulheres, como imigrantes europeias, africanas e asiáticas, que eram todas muito propensas a ter conhecimento de vários idiomas e também podem ter traduzido de e para outros idiomas. Uma última limitação deste estudo – e da tabela presente no Apêndice – é a prática comum das mulheres esconderem seus nomes verdadeiros sob pseudônimos, iniciais ou talvez até sob nomes masculinos, como se sabe que escritoras do século XIX fizeram.

Independentemente de suas limitações, este estudo fornece evidências otimistas de que, apesar da exclusão da tradução feminina dos Estudos da Tradução, História da Tradução e Historiografia da Tradução, os jornais são fontes inestimáveis que permitem a (re) construção do papel desempenhado pelas tradutoras. A vida e obra de Maria Velluti é um bom exemplo, que selecionamos para guiar nossa análise. Mesmo que o discurso do jornal possa não ser um relato preciso da realidade, ao explorar o *corpus*, fomos capazes de encontrar dados sólidos para apoiar a importância de Velluti para a História da Tradução e, portanto, contribuir para restaurá-la à posição que ela claramente ocupou, como provavelmente a mais famosa tradutora

²⁹ Apêndice disponível em : <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/472/578>.

de seu tempo. Maria Velluti e as dezenas de peças que traduziu merecem um estudo aprofundado e esperamos que este artigo sirva de incentivo para pesquisas futuras.

Sendo os jornais numerosos e onipresentes e, além de ser um gênero que, ao contrário das chamadas fontes históricas duras, reconhecia as mulheres como tradutoras durante ou logo após sua vida³⁰, usar *corpus* linguísticos e histórias baseadas em *corpus* para explorá-los é uma abordagem promissora para futuras investigações. Outra vantagem do software de processamento de linguagem natural é que não há limite para o tamanho do *corpus*, que pode ir de algumas centenas de palavras a muitos milhões delas e, portanto, um *corpus* futuro compilado para investigar a história das tradutoras mulheres poderia incluir não apenas jornais, mas também paratextos de tradução, diários, escritos de viagem, cartas, almanaques etc.

As principais conclusões foram que, ao contrário do imaginário alimentado pelos romances examinados como nosso primeiro objetivo, e muito de acordo com a riqueza de informações encontradas nos jornais da época, as mulheres nas notícias tinham mais agência e eram mais diversificadas do que nos romances. Além disso, o *corpus* de notícias revelou que havia muitas mulheres envolvidas em uma grande variedade de atos de tradução no Brasil no século XIX, e suas traduções eram propositadas e significativas, e se cruzavam não apenas com seu papel doméstico (esposa, mãe), mas também com uma série de outras atividades profissionais (atriz, diretora, educadora, escritora).

Outras descobertas incluem a relação entre mulheres tradutoras ao longo das gerações, como Florinda d'Oliveira Fernandes, que aparece em uma peça com sua filha, anunciando a inauguração de sua escola. Muitas mulheres do século XIX que traduziram também abriram e dirigiram escolas. Isso vale para Nísia Floresta – cuja filha, Lívia, também traduziu. Também há casos europeus de mães que traduziram e cujas filhas ascenderam às letras, como é o caso de Mary Wollstonecraft e Mary Shelley. Esse aspecto geracional de tradução e escrita, e sua conexão com a educação das mulheres, pode ser um tópico interessante para estudos futuros na História das Mulheres Tradutoras. Este trabalho forneceu pelo menos dois nomes para tanto: Nísia Floresta Augusta e Florinda d'Oliveira Fernandes.

Além disso, vamos enfatizar a importância das tradutoras do século XIX, amplamente desconhecidas, cujas obras foram de uma maneira ou de outra lidas pelo público dos jornais,

³⁰ Além do caso de Maria Velluti, há outros. O *Diário de Pernambuco*, no dia 4 de dezembro de 1919, p. 2, publicou quase uma página inteira sobre Nísia Floresta, e *A Estação*, em 31 de dezembro de 1895, XXIV ANO, N 24, p.159, publicou o perfil de Paula Candida (pseudônimo) no suplemento literário, na seção *Mulheres Illustres do Brasil*. Esta última peça faz parte do *corpus* compilado neste estudo.

mas cujos nomes foram ocultados do público, como no artigo *Hygiene Geral* e, até hoje, permanecem desconhecidos. Essa situação também inclui tradutores prolíficos e reconhecidos que usavam pseudônimos, como Paula Cândida e a jovem Zélia.

Por fim, é importante destacar que o século XIX foi farto de mulheres letradas, algumas das quais eram tradutoras por pleno direito, como Maria Velluti, Paula Candida e Florinda Fernandes – a primeira traduziu para o teatro e as outras duas traduziram profissionalmente para jornais no Brasil. Este artigo, portanto, procurou mostrar que há dezenas de perfis³¹ de tradutoras a serem estudados em História e Historiografia da Tradução, e que há espaço para a *mulher* na História e na Historiografia das Mulheres Tradutoras.

REFERÊNCIAS

ABREU, I. S.; STONE, M. E. (orgs). **Feminae – dicionário contemporâneo**. Lisboa: Condição para cidadania e a igualdade de gênero, 2013.

ALENCAR, J. **Lucíola**. Porto Alegre: L&PM, 2015. ALENCAR, J. **Senhora**. Jaraguá do Sul: Avenida, 2012.

ALENCAR, M. E. S. **Tradutoras brasileiras dos séculos XIX e XX**. Dissertação de Mestrado em Estudos da Tradução. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis: PEGET, 2016.

ANASTÁCIO, V. “Alcipe e o Brasil: notas para uma investigação”. In: FERREIRA, T. M. T. B. C.; SANTOS, G; ALVES, I.; PINTO, M. V.; HUE, S. (orgs). **D. João e o Oitocentismo**. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2011.

ANTHONY, L. Antcon. 3.5.1. Freeware corpus analysis toolkit for concordancing and text analysis. AntLab, 2018. Available at: <http://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>

ASSIS, J. M. M. **Obra Completa**. Vol. I (romances). Rio de Janeiro: Aguilar, 1979.

ATKINSON, P., GREGORY, I.N. “Child Welfare in Victorian Newspapers: Corpus-Based Discourse Analysis”, In: *The Journal of Interdisciplinary History*, 2017 48:2, 159-186

BERNARDES, M. T. C. C. **Mulheres de Ontem? – Rio de Janeiro – Século XIX**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1989.

³¹ Além da lista de nomes que consta no apêndice do artigo em inglês [<https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/472/578>], que inclui mulheres que nasceram ou passaram a maior parte de sua vida no Brasil, há também mulheres de outros países que estiveram no Brasil por um período de tempo, como Maria Graham e Joana Manso.



California Press, 1984.

CALINA, H. “On the first woman translator of Dante’s ‘The Divine Comedy’ into Romanian”. In: BOLDEA, I. (org.) **The Proceedings of the International Conference Literature, Discourse and Multicultural Dialogue. Section: Language and Discourse, 1.** Tîrgu-Mureş: Arhipelag XXI Press, 2013.

CÂNDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CASCUDO, L. C. **Literatura oral no Brasil.** São Paulo: Global, 2006.

COSTA, C. De L. & ALVAREZ, S. E. “A circulação das teorias feministas e os desafios da Tradução”. In: **Estudos Feministas**, 21(2):336, Florianópolis: UFSC, maio- agosto/2013

DELISLE, J.; WOORDSWORTH, J. (orgs). **Os tradutores na História.** Tradução Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998.

DUARTE, E. A. **Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI.** Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

DUARTE, C. L. **Imprensa femina e feminista no Brasil – século XIX – dicionário Ilustrado.** São Paulo: Autêntica, 2017.

ESTEVES, Lenita M. R. “A tradução do romance-folhetim no século XIX brasileiro”. In: **Trabalhos em Linguística Aplicada. V. 42.** Campinas: UNICAMP, 2003.

FERREIRA, A. C. : “A fonte fecunda” In: PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. (orgs). **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Contexto, 2013.

JULIO, S. S. **Daminana da Cunha: uma índia entre a “sombra da cruz” e os caipós do sertão.** Dissertação de mestrado em História. Programa de Pós-Graduação em História. Niteroi: UFF, 2015.

LUCA, T. R. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2015.

MATTHEWS, C. H. **Gender, Race and Patriotism in the Works of Nisia Floresta,** Rochester: Tamesis Books, 2012.

McEnery, A.M., Baker, H.S. **Corpus linguistics and 17th-century prostitution: computational linguistics and history** Bloomsbury Academic, 2016. 271 p.

MENDES, A. M. **A escrita de Maria Firmina dos Reis na literatura afrodescendente brasileira: revisitando o cânone.** Lisboa: Chiado, 2016.

METCALF, A. C. **Go-betweens and the colonization of Brazil (1500-1600).** Austin: University of Texas Press, 2008.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

- MONTEIRO, B. F. Tradutora e atriz: Maria Velluti além dos palcos. In: **Caderno de resumos do 8º Colóquio do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras**. Rio de Janeiro, Real Gabinete Português de Leitura, 2016.
- MUZART, Z. L. (org.). **Escritoras brasileiras do século XIX vol. II**. Florianópolis/Santa Cruz do Sul: Mulheres/ UNIDESC, 2004.
- MUZART, Z. L. (org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**. Florianópolis: Mulheres, 2000.
- PALLARES-BURKE, M. L. **Nísia Floresta, O Carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural**. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- PAVAN, M. “Fotomontagem e Pintura Prérafaelista”. In: FABRIS, A. (org.) **Fotografia: usos e funções no século XIX**. São Paulo: EDUSP, 1991.
- PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (orgs.) **.Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2016.
- PRIORI, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.
- REIS, C. V. **Traduções indiretas vs. Traduções diretas: o caso de obras russas em português**. Dissertação de Mestrado em Letras. Pós-graduação em Letras. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2010.
- RIBEIRO, J. **A carne**. Rio de Janeiro: Escala, s/d.
- SOUTO-MAIOR, V. A. “Josefina Álvarez de Azavedo”. In: MUZART, Z. L. (org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**. Florianópolis: Mulheres, 2000.
- TELES, M. A. A. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- TELLES, N. “Escritoras, escritas, escrituras”. In: PRIORI, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.
- WYLER, L. Theatre, Translation and Colonization. **Crop**, v.6, Número especial: Emerging Views on Translation History in Brazil. Org. John Milton, p.75-90, São Paulo: FFLCH, 2001.
- YERBRA, V. G. **Traducción: História Y Teoría**. Madrid: Gredos, 1994.

Enviado em: 02/05/2021
Aprovado em: 08/05/2021